

A FACE DA MORTE ETERNIZADA: O RITUAL E A ESTÉTICA DA FOTOGRAFIA MORTUÁRIA EM BELA VISTA DE GOIÁS

BORGES, Déborah Rodrigues (bolsa CNPq)
Orientadora: Dra. Maria Elízia Borges
Mestrado em Cultura Visual – FAV-UFG
deborahborges@yahoo.com.br

Palavras-chave: fotografia mortuária, ritual de morte; Bela Vista de Goiás

Introdução

Embora tenha sido um hábito razoavelmente difundido entre as famílias de todas as classes sociais até meados do século passado, a fotografia mortuária é tema de poucos estudos no Brasil. Recentemente, foram publicadas pesquisas relevantes sobre o assunto, como os estudos feitos por Titus Riedl na região do Cariri, no Nordeste Brasileiro (2002), e o trabalho de investigação realizado por Mauro Guilherme Pinheiro Koury sobre a persistência, nas capitais brasileiras, do hábito de fotografar os mortos ainda hoje (2001).

Este é um costume que surgiu praticamente junto com a própria técnica fotográfica, segundo Jay-Ruby (2001). A fotografia acabou popularizando os retratos, de modo geral, devido, entre outros fatores, à rapidez do processo de captação e fixação da imagem e ao preço mais acessível, pois retratos feitos por pintores geralmente custavam muito mais do que a maioria das pessoas poderia pagar. O retrato fúnebre seguiu essa tendência e acabou se tornando uma prática comum em vários locais.

O costume permaneceu com uma maior aceitação na sociedade brasileira até os anos 1950, segundo Koury, “quando a morte, os mortos e o registro da morte tendem a ser ocultados e tornam-se quase que um objeto proibido entre os homens urbanos brasileiros civilizados, sobretudo de classe média” (2001, p.77). Atualmente ainda é possível encontrar pessoas que praticam a fotografia mortuária, como demonstram os estudos realizados por Koury, apesar de, hoje, este ser um hábito geralmente rejeitado pela sociedade.

Este trabalho apresenta algumas reflexões iniciais sobre o costume de fotografar os mortos. O projeto “A face da morte eternizada: o ritual e a estética da fotografia mortuária em Bela Vista de Goiás” vem sendo desenvolvido dentro do mestrado em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG desde março de 2006. O objetivo final da pesquisa é que se possa contextualizar essas imagens a partir dos rituais de morte praticados numa sociedade específica, bem como estabelecer comparações entre a estética desses retratos e a de fotografias pós-morte produzidas em outras localidades.

Material e Método

Para que se possa compreender melhor a estética e os usos da fotografia mortuária em Bela Vista de Goiás, é necessário conhecer um pouco de sua história

e da maneira como o município se constituiu socialmente. O surgimento da cidade de Bela Vista remonta ao século XVIII. Neste período, construiu-se no local um ponto de pouso para os tropeiros que abasteciam, com diversos produtos, as expedições que exploravam a região de Goiás em busca de minerais preciosos. Havia um rancho para acolher os tropeiros e ao seu redor algumas pessoas começaram a se fixar.

Além de estar, de certa forma, relacionado ao ciclo de exploração do ouro em Goiás, o surgimento de Bela Vista foi possibilitado por outros fatores, em especial a religiosidade. No dia 9 de junho de 1852 o Sr. José Bernardo Pereira e sua esposa, Inocência Maria de Jesus, registraram em cartório a doação de terras a Nossa Senhora da Piedade. No dia 25 de junho do mesmo ano, José Inocência Telles também doou terras à santa. Tais terras destinavam-se à construção de uma “casa de oração”, concluída em 1872, em torno da qual outras pessoas fixaram moradia na região. Entretanto, o título de município só foi concedido ao lugarejo no dia 5 de junho de 1896.

Formou-se, no local, uma sociedade onde a economia se baseava nas atividades agropastoris, com destaque para a produção de fumo. As tradições e costumes da cidade são, ainda hoje, marcadas por esta herança rural, e alguns de seus traços podem ser percebidos na maneira como as pessoas ritualizam a morte do outro na cidade de Bela Vista, incluindo-se, aí, o ato de fotografar os mortos.

Os processos e ritos relacionados à morte humana constituem um rico campo de investigação, já que existem tantas manifestações distintas, características de determinadas sociedades ou grupos culturais. A morte tem sido um dos assuntos mais explorados por um ramo científico denominado História das Mentalidades, que se desenvolveu a partir do século XX. Segundo Ana Cristina Araújo (2006), o estudo sobre as mentalidades “reconduz a atenção do historiador para o espaço aberto e difuso do cotidiano”. Durante muito tempo não se deu a devida atenção para estes aspectos, considerados “banais” ou “menores”, da história humana. Entretanto, é justamente dessas manifestações culturais, construídas de forma contínua pelos grupos sociais, que surgem comportamentos, crenças e valores que determinam a forma como as sociedades se desenvolvem ao longo da história.

Este trabalho segue a proposta da História das Mentalidades, uma vez que privilegia o estudo de uma manifestação cotidiana dos habitantes de Bela Vista: o hábito de retratar os familiares e amigos mortos. Esse tipo de fotografia não constituía uma forma individual ou criativa de se manifestar diante da morte, pelo contrário: a forma de apresentar o morto e outros aspectos estéticos são os mesmos em diversos retratos. O que se busca, aqui, é identificar as relações deste tipo de imagem com os outros ritos realizados por ocasião da morte de alguém. Além disso, interessa verificar como isto se reflete na composição estética destes retratos.

Atualmente, realiza-se neste projeto uma pesquisa bibliográfica acerca dos rituais de morte e da fotografia, em especial sobre o uso destas imagens como recurso de manutenção da memória e de investigação histórica. Também está em curso uma pesquisa de campo para coleta de fotografias mortuárias, que têm sido encontradas sobretudo com familiares dos mortos retratados. Estas fotos são convertidas em imagens digitais por meio de scanner ou câmera fotográfica digital. Posteriormente, as análises sobre a inserção das fotografias mortuárias entre os rituais de morte e sobre sua estética serão feitas a partir deste acervo de segunda geração.

É importante esclarecer que muitas das fotografias foram digitalizadas com o uso de uma câmera digital devido ao apego que algumas pessoas manifestaram

com relação aos retratos mortuários de seus familiares. Elas se recusaram a emprestar o material para ser digitalizado em outro local, por medo de que as fotografias não fossem devolvidas. O uso da máquina fotográfica digital, assim, tem sido um recurso adequado para garantir tanto a tranqüilidade dos proprietários das fotos quanto a captação de imagens para a pesquisa.

Além das fotografias encontradas com familiares dos mortos, foram localizados retratos mortuários na residência de Antônio Faria, fotógrafo que atuou na região de Bela Vista entre os anos 1930 – 1990. Trata-se de fotos que os familiares dos mortos preferiram não levar para casa, seja porque algumas cópias não ficaram perfeitas, ou por diversos outros motivos. Estas fotografias também foram digitalizadas a partir de uma câmera fotográfica, visto que a própria família de Antônio Faria tem receio de emprestar suas fotos e não recebê-las de volta.

No ato da coleta de imagens, realizam-se também entrevistas com os proprietários das fotos, a fim de levantar informações como autor da imagem, ano de realização e usos dos retratos no contexto familiar. Entretanto, a obtenção destas informações é difícil, visto que a maioria das pessoas que atualmente estão de posse das fotografias mortuárias não viveu no período em que as imagens foram realizadas. São de gerações posteriores às que vivenciaram o ato de fotografar os mortos como um hábito amplamente difundido. O próprio Antônio Faria, que atualmente tem 91 anos de idade, não pôde fornecer informações sobre os retratos encontrados em sua casa, devido a problemas de saúde que têm afetado sua memória.

O trabalho encontra-se, portanto, num estágio inicial, de levantamento de materiais para análise, tanto artefatos fotográficos – que totalizam, até o momento, trinta e dois retratos mortuários – quanto referências bibliográficas para o embasamento teórico da pesquisa. Entretanto, é possível delinear algumas reflexões iniciais, como se percebe a seguir.

Resultados e Discussão

Para Riera (2006) a expressão fotografia mortuária se refere a todos os tipos de fotos realizadas após a morte de alguém, incluindo as que são encomendadas pelos familiares, as que se utilizam nos veículos de comunicação e as imagens forenses, por exemplo. Entretanto, este projeto investiga “las imágenes post mortem tomadas como recordatorio familiar del fallecido, es decir, fotografías encargadas por particulares para su utilización o exhibición privada, em general, dentro del próprio hogar¹” (RIERA, 2006).

O conceito católico de boa morte e o das belas mortes românticas, que se fundem constantemente na vivência popular da religiosidade cristã em Goiás, auxiliam na compreensão dos usos desse tipo de imagem. A beleza do cadáver foi – e ainda é – muito importante. Indicava a morte do Justo, inicialmente. Uma face tranqüila e bela era considerada uma prova de que a alma se encontrava em paz, no reino dos céus. Entretanto, posteriormente essa beleza torna-se “um aspecto banal, mais reconfortante, da morte do ser amado. Quantas vezes, ainda hoje, os visitantes, quando ainda os há, murmuram com admiração diante do morto exposto: ‘Dir-se-ia que dorme’”. (ARIÉS, 1981, p. 341)

¹ “as imagens post mortem tomadas como recordação familiar do falecido, ou seja, fotografias encomendadas por particulares para sua utilização ou exibição privada, em geral, dentro do próprio lar”. (Tradução da autora)

Assim, essa última imagem do ente querido, já morto, poderia ser posteriormente retomada a fim de relembrar sua aparência de serenidade, o que serviria de conforto aos familiares e amigos. A imagem da morte como sono e descanso é fundamental para esse tipo de uso da fotografia, pois confere à morte um aspecto positivo, sendo a bela imagem do defunto uma espécie de triunfo sobre todo tipo de sofrimento e agonia que ele possa ter padecido nos momentos anteriores a essa passagem.

Para garantir esta bela imagem do morto na fotografia, seguiam-se preparativos semelhantes ao que se realizavam para a produção de outros retratos. Assim, havia o cuidado em produzir o ambiente de modo que a imagem do fundo se tornasse mais harmoniosa e bonita. Em vários dos retratos mortuários percebe-se que foi estendida uma colcha feita em tear atrás do caixão, ou sob o local onde o morto é velado. Como dito anteriormente, a sociedade belavistense era essencialmente rural. Assim, a presença de elementos como este aludem a esse tipo de tradição, pois num grupo onde os recursos financeiros costumavam ser escassos, as pessoas precisavam, muitas vezes, improvisar o embelezamento dos retratos a partir de coisas que utilizavam em seu cotidiano.

A ornamentação dos caixões era feita com flores que normalmente havia nos quintais. O uso de rosas era raro, visto que eram plantas pouco cultivadas. E em muitos casos nem mesmo há caixão, e o morto foi retratado sobre uma mesa ou banco. Como não havia empresa funerária no município, era comum que os velórios ocorressem desta maneira, até que o caixão, feito por algum marceneiro, ficasse pronto. Usualmente, o caixão das crianças e das moças solteiras era pintado de branco, numa referência à pureza de suas almas.

No caso das crianças, era comum que, quando mortas, fossem vestidas como anjos. A crença popular, que persiste em alguns locais até hoje, era de que meninos e meninas falecidos antes dos sete anos de idade se tornavam anjos. Em Bela Vista foram coletados, até o momento, onze retratos de “anjinhos”. A mortalidade infantil era bastante alta, e muitas vezes esta foto era a única que os pais possuíam dos filhos. Entretanto, nesta pesquisa, trabalha-se com a hipótese de que estas fotografias significassem algo mais do que uma lembrança dos pequenos falecidos. Estas imagens possuíam, assim, um sentido devocional, uma vez que os familiares viam-nas como imagens de anjos, a quem se podia dirigir orações.

Considerações Finais

Neste momento inicial da pesquisa, foi possível perceber algumas características da fotografia mortuária específicas de Bela Vista de Goiás, embora este tenha sido um hábito presente em vários outros locais. Entre os retratos mortuários belavistenses, o morto é apresentado em posição jacente, com as mãos cruzadas, dentro do caixão ou sobre um banco ou mesa onde estivesse sendo velado. Nota-se o cuidado na escolha da roupa para o enterro, pois percebe-se que grande parte dos homens está de terno, tipo de vestimenta que não era usual para uma população tipicamente rural. As roupas das crianças também merecem destaque: vestes brancas, com rendas, bordados, fitas e toda sorte de adereços que pudessem fazê-las se parecerem com anjos.

Não foram encontradas em Bela Vista fotografias onde a condição do morto não fosse evidente. Em outros locais foi comum, durante um certo período,

fotografar os mortos como se estivessem vivos ou, no máximo, como se dormissem. Utilizavam-se, igualmente, uma série de artifícios, só que neste caso com o intuito de simular vida ou um sono tranqüilo. O mais importante é que, seja fotografado como vivo ou na sua real condição, o morto é retratado numa cena produzida. Os familiares, com o auxílio do fotógrafo, cuidam para que a estética final da foto seja agradável, como em qualquer outro retrato. O resultado são imagens idealizadas de beleza, tanto para a foto do vivo quanto para a foto do morto. No estudo da fotografia mortuária, é preciso considerar que há uma rede complexa de construções sociais das noções de morte e beleza.

O modo como esses conceitos são construídos será explorado numa fase posterior da pesquisa, quando já estiver concluído o trabalho de campo. De posse de todas as imagens que serão objeto de análise, será possível fazer uma distinção de tipologias, bem como executar uma melhor avaliação dos elementos com presença constante nos retratos. Além disso, o hábito de fotografar os mortos em Bela Vista poderá ser contextualizado entre os demais rituais de morte praticados na região. E, finalmente, estas fotografias serão comparadas a retratos mortuários realizados em outros locais de Brasil e também em outros países. Cabe ressaltar que o interesse maior deste trabalho não é encerrar conceitos e definições sobre o tema, e sim fomentar as discussões sobre o costume da fotografia mortuária, infelizmente ainda raras.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ana Cristina. **História das Mentalidades**. Disponível em http://www.aph.pt/opiniao/opiniao_1099.html. Acessado em 19 de setembro de 2006

ARIÉS, Philippe. **O Homem diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, vol. 2.

JAY-RUBY. **Retratando os mortos**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Imagem e Memória – Ensaios em Antropologia Visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Você fotografa os seus mortos?**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Imagem e Memória – Ensaios em Antropologia Visual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

RIEDL, Titus. **Últimas Lembranças. Retratos da morte, no Cariri, região do Nordeste Brasileiro**. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secult, 2002.

RIERA, Alberto. **Introducción a la Fotografía Post Mortem**. Disponível em <http://www.caborian.com/content/view/574/142/>, acessado em 20 de junho de 2006.